



Diversidade:
Diferentes,

não

Desiguais

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9021905021	
CAPÍTULO 2	7
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
DOI 10.22533/at.ed.9021905022	
CAPÍTULO 3	16
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
DOI 10.22533/at.ed.9021905023	
CAPÍTULO 4	23
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9021905024	
CAPÍTULO 5	36
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9021905025	
CAPÍTULO 6	47
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.9021905026	
CAPÍTULO 7	59
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.9021905027	
CAPÍTULO 8	81
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.9021905028	

CAPÍTULO 9 88

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

DOI 10.22533/at.ed.9021905029

CAPÍTULO 10 94

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

DOI 10.22533/at.ed.90219050210

CAPÍTULO 11 106

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

DOI 10.22533/at.ed.90219050211

CAPÍTULO 12 114

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisia Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.90219050212

CAPÍTULO 13 121

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.90219050213

CAPÍTULO 14 136

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

DOI 10.22533/at.ed.90219050214

CAPÍTULO 15	151
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.90219050215	
CAPÍTULO 16	162
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
DOI 10.22533/at.ed.90219050216	
CAPÍTULO 17	173
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.90219050217	
CAPÍTULO 18	186
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.90219050218	
CAPÍTULO 19	194
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.90219050219	
CAPÍTULO 20	201
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.90219050220	
CAPÍTULO 21	210
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.90219050221	

CAPÍTULO 22 221

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz
Tânia Moura Benevides

DOI 10.22533/at.ed.90219050222

CAPÍTULO 23 231

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho
Dalvanira Elias Camelo

DOI 10.22533/at.ed.90219050223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 237

BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?

Alexandra Sudário Galvão Queiroz

Especialista em Educação Infantil-UFMT

Prof^a do CAp/UERJ

profalexandraqueiroz@gmail.com

Maicon Salvino Nunes de Almeida

Mestrando em Educação - UFRJ

NESEI/LaPEADE-UFRJ

maiconsalvino@gmail.com

Celia Nonato

Doutorando – UNIVERSO

Colégio Pedro II

celianon2108@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar os brinquedos e as brincadeiras infantis sob a ótica do estudo de gênero, e fazer um levantamento de autores e matérias de jornais a fim de problematizar o porquê de o menino brincar de carrinho e a menina brincar de boneca. O que está por trás desta aparente inocente brincadeira? Percebemos a partir de imagens, análise de matérias de jornais e revisão bibliográfica, que existem papéis sociais interagindo através dos brinquedos e das brincadeiras para as crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Criança, Brinquedo, Gênero.

1 | INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é trazer para a discussão temas que atravessam categorias como a infância, brinquedo e gênero, a partir de dois recortes de reportagens atuais de brinquedos destinados às crianças, oriundas de duas geografias distintas, a saber: do Brasil (Estado do Maranhão) e da Suécia. Este texto ocupar-se-á em analisar criticamente as imagens produzidas nesses espaços geográficos.

Apresentaremos as reportagens e discussão sobre os possíveis preconceitos advindos de brinquedos ditos para meninos e meninas. Autores como Kamii (1981), Piaget (1932) e Vygotsky (1982) concordam que o brinquedo e a brincadeira concorrem para desenvolvimento infantil, afirmam que experiência vivencial das aprendizagens da criança acontece quando ela brinca.

Partindo do princípio que para se tornar adulto o ser humano precisa passar por uma fase anterior, e que essa etapa é construída de modo diferente nas culturas, a historiografia da infância, contada por Philippe Aries, em sua obra *História Social da Criança e da Família* (1981) nos traz elementos para pensarmos como foi construído o conceito de infância.

Carvalho & Silva (2004) nos fala que os séculos XV e XVI são marcados pelo surgimento

da Idade Moderna, transformando a vida feudal. Temos o nascimento do comércio e as viagens além-mar, que resultaram na colonização americana. Berman (1986) coloca a primeira fase da modernidade, entre os séculos XVI e XVIII, marcada pela idade de que algo está mudando, acontecendo. As modificações ocorrentes no campo da filosofia e da ciência também contribuíram para um pensamento que foi de encontro às concepções medievais.

Em se falando nas modificações, nos deparamos com muitas diferenças, preconceitos no olhar, gestos, atitudes e maneiras de falar em relação às brincadeiras das crianças como mostra a reportagem do G1 – MA (2016): “Movimento feminista no MA diz que a lista de material escolar é sexista. Lista pede ferramentas para meninos e Kit cabelo e cozinha para meninas. Escola diz que aquisição é opcional e não reflete preconceito.”

Em matéria ao Jornal G1, o movimento é apresentado.

O movimento feminista maranhense “Coletivo Fridas” divulgou, por meio de postagem na página do grupo no Facebook, nesta segunda-feira (11), para meninos uma nota de repúdio contra o colégio “O Bom Pastor”, em São Luís. Segundo o grupo, a escola particular pediu, como material opcional de apoio pedagógico e lúdico, um “kit de ferramentas (médico ou bombeiro)” para meninos e um “kit cozinha ou cabelereiro” para meninas. De acordo com a nota, o pedido da escola estaria reforçando e naturalizando o machismo e o sexismo. “Dessa forma, essas meninas são ensinadas que seu papel na sociedade é estar em casa, calada e obediente. A elas, não são dadas a oportunidade de sonhar com um carrinho, super-heróis ou brinquedos que trabalhem o desenvolvimento psicossocial da criança”, diz o texto”. Para o coletivo, o movimento “reforça a lógica do patriarcado machista, que tem como consequências a misoginia e a violência à mulher”. “Meninas podem sim brincar de carrinho, usar azul, serem médicas ou bombeiras. Por uma sociedade menos sexista!”. Resposta da escola: O colégio “O Bom Pastor” também usou sua página oficial no Facebook para responder à nota. No texto, a escola afirma que os pedidos estão de acordo com os “preceitos dos Parâmetros Curriculares Nacionais” e os “objetivos educacionais propostos pela própria LDB 9394/96 (Lei de Diretrizes de Base da Educação)”. A assessoria da escola explica que a lista não “reflete preconceito numa exteriorização de brincadeiras exclusivas para meninas ou meninos” porque a prática, em sala de aula, ocorre em “perspectiva de interação e envolvimento de todos os alunos, independente de sexo ou gênero”. A escola também afirma que o pedido foi feito para que os materiais didáticos fossem dispostos “em quantidades equilibradas, de modo a permitir a variedade necessária” e que a aquisição é “opcional.” (G1- MA, 2016).

Fonte: <http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2016/01/movimento-feministadivulga-repudio-escola-por-lista-de-materiais-no-ma.html> Retirada da Web 11/01/2016 21h38 - Atualizado em 11/01/2016 22h04.

O que percebermos com a contra resposta da Escola Bom Pastor, que eles não têm clareza do fato ocorrido. Para a escola é normal os pedidos dos brinquedos, quando fala “[...] que os materiais fossem dispostos em quantidades equilibradas, de modo a permitir a variedade necessária[...].”

Quando nos deparamos com esses assuntos temos que parar e fazer algumas reflexões, pois estamos no século XXI, era da pós-modernidade. Colocamos os seguintes temas para reflexões:

- “A escola precisará fazer uma formação atualizada sobre as mudanças de gênero, tanto os funcionários, quanto os professores?”
- “A escola precisará ser atualizada, mas todos querem mudanças?”
- “Como oferecer ajuda a essas escolas e outras, sendo que muitas vezes se escondem, nas suas subjetividades para não oficializar o preconceito?”

Mostraremos reportagens que são opostas ao machismo e sexismo, só que não são do Brasil. Campanha de brinquedo sem preconceito no G1-SP (2012). Em seguida, a reportagem dos catálogos da loja de brinquedo na Suécia, Jornal o Globo: “Sem preconceito: menino brinca de boneca em catálogo de brinquedos Atitude da loja sueca Top Toy visa promover a igualdade entre os gêneros.”



Figura 1 - Catálogo de brinquedos da loja sueca Top Toy

Fonte: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/sem-preconceito-menino-brinca-de-bonecaem-catalogo-de-brinquedos-6951923>. Retirado da web: O Globo, 06/12/2011 5:46 Atualizado 06/12/2012 16:13.

Quando diante desta imagem, paramos e nos perguntamos: é isso mesmo? Sim, um menino brincando de escovar o cabelo da menina, “a troca de papéis”, diante de uma sociedade machista. As crianças estão felizes brincando, sabemos que é um catálogo de brinquedo, mas a realidade das crianças quando brincam é essa, o importante é a brincadeira, não o pensamento dos adultos com preconceito.

Essa imagem é de um catálogo de uma loja de brinquedo sueca, lá a cultura é diferente em relação ao preconceito das pessoas, mas não podemos afirmar como é o costume delas fora da mídia.

Como os adultos interferem nas brincadeiras e nas escolhas dos brinquedos das crianças e como podemos fazer para ajuda - lá a terem seus momentos criativos e “livres”?

Abaixo a reportagem do G1- SP (2012) sobre o catalogo de brinquedos:

RIO - Quem disse que menino não brinca de boneca? A fim de se livrar do

preconceito, a Top Toy, maior loja de brinquedos da Suécia, dona da franquia “Toys R Us” no país, colocou em seu catálogo de brinquedos fotos de meninos brincando com bonecas e utensílios domésticos. Numa das imagens, um garoto aparece usando um secador de cabelos e outros objetos que podem ser encontrados em um salão de cabeleireiro para brincar com uma amiga. Em outras fotos, os meninos brincam com ferro de passar roupas, aspirador de pó e também uma boneca. Há também imagens que mostram meninas se divertindo com uma pista de carrinhos de brinquedo e uma pistola d’água. Em uma nota publicada no jornal britânico “Daily Mail”, a empresa afirma que brinquedos são feitos para crianças, sem distinção de sexo. “Por muitos anos, nós acompanhamos o debate sobre os gêneros crescer no mercado sueco e tivemos que nos ajustar. Com esse novo pensamento, não há nada que seja certo ou errado. Não é um brinquedo de menino ou menina, é um brinquedo para crianças”, diz o texto da loja. A atitude da Top Toy faz parte de uma campanha mais ampla, promovida pelo governo da Suécia, para acabar com discriminação sexual no país. Mas a ação deu o maior trabalho. Foi necessário apagar digitalmente as imagens das meninas nas fotografias e inserir meninos no lugar, e vice-versa. O “treinamento” foi dado à loja de brinquedos por meio de uma agência autorreguladora de publicidade, semelhante à brasileira Conar, que orienta que os anúncios sejam feitos para “um gênero neutro”. No passado, a rede de lojas havia sido repreendida pela agência reguladora por ter divulgado um anúncio no qual uma menina aparecia vestida de princesa e um menino, de super-herói (Jornal o Globo,2012).

Atenção para a imagem:



Figura 2 - Catálogo de brinquedos da loja sueca Top Toy

Fonte:<http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/sem-preconceito-menino-brinca-de-boneca-em-catalogo-debrinquedos-6951923>.Retirado da web: O Globo,06/12/2011 5:46 Atualizado 06/12/2012 16:13.

Menina brincando de carrinho, catálogo de uma loja de brinquedo na Suécia, na mídia parece que é comum, mas será que lá na sociedade sueca é assim, também? Aqui no Brasil, não temos costume de visualizar imagens de meninas brincando de carrinhos e sabemos que não é uma brincadeira comum na nossa cultura.

Em se tratando de nosso país, sabemos que o preconceito nas brincadeiras e nas falas dos adultos é muito grande, mas as pessoas acham que estão “certas”. Isso nos remete a lembrança de como é tratada a questão familiar. Como muitas reflexões e tentativas de mudanças de visão de alguns professores e tendo a mídia a favor, mesmo assim o processo de desconstrução do preconceito ainda está lento. Então, como mudar a visão das pessoas para melhorar a convivência entre elas?



Figura 3 - Catálogo de brinquedos da loja sueca Top Toy

Fonte: <http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/sem-preconceito-menino-brinca-de-boneca-em-catalogo-de-brinquedos-6951923> Retirado da web: O Globo, 06/12/2011 5:46 Atualizado 06/12/2012 16:13.

Estamos vendo um menino e uma menina brincando com uma boneca. Eles estão felizes e sem achar “estranho”. Muitas pessoas relatam que meninos brincam com bonecas, tende no futuro serem ótimos pais, afetuosos e dedicados. A brincadeira para criança pode tratar questões de preconceitos, bullying, assédio, agressões, violência, enfim, precisamos ter um olhar diferenciado para não deixar a criança traumatizada e sem criar suas brincadeiras e usá-las prazerosamente. Como podemos começar a desconstrução do preconceito sem prejudicar a brincadeira das crianças?

Já mostramos neste artigo um comentário sobre uma lista de material e depois duas propagandas de brinquedos sem preconceito, mas será que todo mundo acha normal? Deparamo-nos com as diferenças da lista de material e a discriminação, quanto ao brinquedo de menino e brinquedo de menina. Nas reportagens de uma loja específica, deduzimos que não há discriminação, porém, quantas lojas há no mundo e por enquanto, só está se manifesta diferente?

Ainda falta muito para que as pessoas do planeta tomem consciência que brinquedo não tem gênero e o imaginário da criança não tem diferença nestas questões. Uma criança está muito distante de um adulto para saber se será ou não homossexual, existem outras questões das quais não é nosso objetivo retratar agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que custaram alguns séculos para que se notabilizassem as mudanças de imagem da criança vista como um adulto em miniatura. As crianças precisam interagir com suas brincadeiras para começarem a construir suas identidades, sua consciência em relação às diferenças e o respeito à inclusão na interação com o grupo que convivem.

Na infância moderna segundo Kuhlmann Jr (1998), independente de diferentes classes e grupos sociais que vivem as crianças, é possível reconhecer atributos e manifestações típicas do seu mundo. Na interação com o outro, as crianças brincam e

seus brinquedos não tem gênero, podendo ser de menino e ou de menina.

Por isso a escola, os professores e demais funcionários precisam contribuir para a desconstrução de (pré) conceitos como o que menino deve brincar só com carros e bolas e meninas com bonecas. As práticas pedagógicas dos professores devem estar permeadas de situações contra o preconceito, no dia a dia dos alunos, em relação às diferenças de gênero, ao racismo.

No universo infantil, as relações do significado e as práticas educativas sobre gênero, mostram muitas maneiras de ser menina e ser menino sem categorizá-los, possibilitando a interação com novas descobertas.

A escola tem um papel importante na vida das crianças e seus familiares, e se a partir dela for possível iniciar as mudanças de atitudes em relação aos brinquedos e brincadeiras e campanhas de conscientização, com certeza influenciará os pensamentos dos adultos, porém, sabemos que tudo tem seu tempo.

Modos e costumes que vêm de séculos e séculos não mudam de um dia para o outro, por isso, pensamos que o lugar de início de mudanças pode ser a escola. Nela pode-se principiar uma nova cultura, desde que toda a equipe tenha consciência das mudanças e estar aberta a elas, caso contrário não acontecerá. Partindo para mudança, a escola em suas reuniões de pais e textos informativos, podem fazer reflexões do tipo: como vocês (pais) interferem na escolha das brincadeiras e brinquedos de seus filhos, sem afetar sua autonomia?

Quando um adulto dá palpite nos brinquedos e vem com aquela frase pronta “esse é de menina e esse é de menino”, a criança se depara com o universo machista e sua criatividade nas brincadeiras fica tolhida. Será que essas crianças estão construindo sua autonomia? A criança deve ter liberdade de escolha, possibilidade de trocar ideias com outras crianças para assim, compreender e participar do seu ambiente de brincadeiras sem preconceito.

Supomos que a partir da construção da autonomia, a criança que tem troca de ideias, livre escolha de suas brincadeiras e brinquedos, diálogo com adultos e convivência num ambiente de cooperação, terá menos dificuldades de questionar o que é certo ou errado e terá muitas possibilidades de desconstruir o preconceito imposto e dito pela sociedade machista. Desta forma, pensamos que o primeiro passo para a mudança de desconstrução do preconceito em relação às crianças seja a afirmação de todos a sua volta, de que brinquedo não tem gênero, e que podem escolher seus brinquedos com autonomia.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História Social da Criança**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da Modernidade**. São Paulo: companhia das Letras, 1986.

CARVALHO, C. H.: SILVA, M. P. **Infância e Modernidade**: redimensionando o ser criança. Cadernos da FUCAMP, Monte Carmelo, MG, v.3, 2004.

FINCO, Daniela. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. In: Pro-posições. Campinas: v.14, n.3 (42), set./dez. 2003. p.89-101.

G1-MA22h04.<http://g1.globo.com/ma/maranhao/noticia/2016/01/movimento-feministadivulga-repudio-escola-por-lista-de-materiais-no-ma.html> Retirada da Web: 11/01/2016 21h38 - Atualizado em 11/01/2016

KAMII, Constance. **Aritmética: Novas Perspectivas - Implicações da teoria de Piaget**. Campinas, SP: Papyrus,1977.

KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. **Instituições Pré-Escolares Assistencialistas no Brasil (1899-1922)**. São Paulo: Caderno de Pesquisa,1971.

O Globo Jornal.<http://oglobo.globo.com/cultura/megazine/sem-preconceito-menino-brinca-de-boneca-em-catalogo-de-brinquedos-6951923> Retirado da web: O Globo,06/12/2011 5:46 Atualizado 06/12/2012 16:13.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-090-2

